

LIDANDO COM OS "TERRÍVEIS DOIS ANOS"

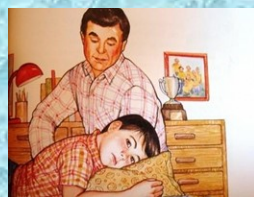
- **Seja flexível:** aprenda os ritmos naturais da criança, os seus gostos e as aversões especiais.
- **Pense em si como um porto seguro,** com limites firmes, a partir dos quais a criança pode planear e descobrir o mundo, e ao qual a criança pode voltar para ter apoio.
- **Tomem a sua casa segura para a criança:** disponibilize objectos inquebráveis que sejam seguros para serem explorados.
- **Evite a punição física:** quase sempre é ineficaz e pode até levar a criança a produzir mais estragos.
- **Ofereça uma escolha—mesmo que limitada—**pode dar algum controle à criança (“tu queres tomar banho agora ou depois de lermos o livro?”).
- **Seja consistente** ao reforçar as exigências necessárias.
- **Não interrompa uma atividade,** a menos que seja absolutamente necessário. Tente esperar até que a atenção da criança tenha trocado de alvo. Se você interromper, avise antes (“daqui a pouco vamos ter de sair do parque”).
- **Sugira atividades alternativas** quando o comportamento se tornar censurável.
- **Sugira,** não mande.
- **Ligue as exigências a atividades agradáveis:** “é hora de parar de brincar. Assim, tu podes ir ao shopping comigo”.
- **Lembre a criança sobre o que você espera dela:** “quando vamos ao parque nunca saímos para fora dos portões”.
- **Esperem alguns instantes** antes de repetir uma exigência quando a criança não obedecer.
- **Use pausas para encerrar os conflitos:** de modo não punitivo, saia você mesmo ou tire a criança da situação.
- **Esperem menos autocontrole durante momentos de stress:** doença, divórcio, nascimento de um irmão ou mudança para uma nova casa.
- **Esperem que seja mais difícil para as crianças pequenas** obedecerem a “faça” do que a “não faça”. “Limpa o quarto” exige mais esforço do que “não escrevas nos móveis”.
- **Mantenha a atmosfera tão positiva quanto possível:** faça a criança querer cooperar.



A moral é o conjunto de crenças, costumes, valores e normas de uma pessoa ou de um grupo social, que funciona como um guia para agir. Ou seja, a moral orienta relativamente às acções que são corretas (boas ou positivas) e aquelas que são incorretas (más ou negativas).

É a moral que estabelece a diferença entre o bem e o mal, o bom e o mau, e a noção de moralidade começa na infância.

As crianças desenvolvem hábitos, habilidades, valores e motivos que as tornam membros produtivos e responsáveis da sociedade (socialização). A adequação às expectativas dos pais pode ser vista como o primeiro passo em direcção à adequação a padrões sociais. As crianças que são socializadas com sucesso não se limitam meramente a obedecer a regras ou comandos para receber recompensas ou evitar punições. Elas formam os padrões sociais por si mesmas.



Saber mais...

Papalaia, E. D., Olds, W. S. & Feldman, D. R. (2009). O mundo da criança: da infância à adolescência. *McGrawHill*.

Em **Abri!**...

“Não concordo—resolver diferendos de opinião e regras para *discutir limpo*”

Gabinete de Apoio Psicológico
(GAP)

Projeto “O mundo das crianças”

Tel.: 231 416 085
Email: gap@cspo.pt
www.cspo.pt

DESENVOLVIMENTO MORAL (3 primeiros anos de vida)



O QUE É O DESENVOLVIMENTO MORAL?

A moral é o conjunto de regras adquiridas através da cultura, da educação, da tradição e do cotidiano, e que orientam o comportamento humano dentro de uma sociedade.



As regras definidas pela moral regulam o modo de agir das pessoas, sendo uma palavra relacionada com a moralidade e com os bons costumes.

O ser humano tem de saber o que é o bem e o mal, escolher entre um e outro, e reconhecer-se, preferencialmente, no bem e no bom para a sua própria realização pessoal e profissional.

O desenvolvimento moral refere-se à forma como pensamos, racionalizamos e julgamos o agir como certo ou errado. Neste sentido, torna-se importante compreender como os indivíduos chegam a assumir os valores que orientam o seu comportamento, ou seja, como ocorre o desenvolvimento moral.

A “moralidade” de crianças e jovens é uma preocupação marcante dos adultos, em geral. Os pais, em particular, preocupam-se com os seus filhos, desejando que evitem violar as regras e leis, que apresentem comportamentos considerados adequados, que evitem quaisquer complicações, mesmo estando longe da sua presença.



A EVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA DE REGRAS



As crianças até aos cinco e seis anos de idade não seguem regras coletivas. Elas estão juntas, mas não interagem entre si, cumprindo regras. A criança ainda é muito egocêntrica, não existindo para ela regras e normas, porque não as assimila. As necessidades básicas determinam as normas de conduta e, por esta razão, quando o bebé sente fome, chora e quer ser alimentado de imediato. À medida que a criança cresce, ela vai percebendo que o mundo tem as suas regras, e descobrindo, também, nas brincadeiras com as crianças de idade superior.

A moral depende de uma vontade exterior, que é a das pessoas respeitadas, incluindo os pais. O respeito neste caso é unilateral. A criança aceita e reconhece a regra de conduta que o outro lhe apresenta sem, contudo, compreendê-la. Ela tem interesse em participar em atividades coletivas e com regras. A criança não inventa as regras e mostra-se liberal na sua aplicação. Ainda não assimilou o sentido da existência de regras e não as aceita como necessárias.

A criança sabe que existem normas sociais, coisas que se podem ou não fazer, mas estas normas permanecem externas, ou seja, as normas são obedecidas por duas razões: evitar castigo e satisfazer os desejos e interesses concretos e individualistas, imediatos, pela recompensa que daí pode advir.



As normas e expectativas sociais já foram interiorizadas. O justo e o injusto não se confundem com o que leva à recompensa ou ao castigo, mas definem-se com as normas estabelecidas na sociedade.

A moralidade implica cumprir os deveres e respeitar a lei e a ordem estabelecidas. As necessidades individuais subordinam-se às normas sociais.

Nas brincadeiras, as crianças já jogam seguindo regras e respeitando-as. Há acordo entre as crianças, cada um é um legislador, ou seja, criador de novas regras que deverão ser apreciadas e aceitas por todos os praticantes do jogo.

O valor moral depende menos da conformidade às normas morais e sociais vigentes e mais da sua orientação em função de princípios éticos universais, como o direito à vida, à liberdade e à justiça. As normas sociais devem ter subjacentes princípios éticos universais e, por vezes, pode haver contradição, impondo-se a necessidade de hierarquizar os princípios e as normas.

